



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
BELÉM – PARÁ – BRASIL  
04 a 07 de novembro de 2015  
ISSN 978-85-89097-68-0**

## **UMA NARRATIVA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA REGIÃO DE BARREIRAS/BA**

**Fábio Bordignon**<sup>556</sup>

### **RESUMO**

Neste trabalho elaborado a partir do texto apresentado para o exame de qualificação pretendemos apresentar as nossas compreensões sobre o processo de formação dos professores de matemática na região de Barreiras-Bahia. Apresentamos uma possível narrativa constituída mobilizando a metodologia da História Oral, que compõe um projeto desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) sobre o mapeamento da formação e atuação de professores de matemática no Brasil. Entrevistamos sete professores que atuaram/atua no ensino de matemática naquela cidade, que é considerada como polo da parte Oeste do Estado da Bahia. A partir dessas entrevistas pretendemos constituir uma narrativa a partir das nossas compreensões, o que chamamos de análise narrativa de narrativas sobre esta formação em um período onde não havia cursos de Licenciatura em Matemática instalados na cidade e como tal narrativa contribui para compreendermos os processos de formação dos professores que ensinaram matemática, principalmente em regiões do interior do Brasil.

**Palavras-chave:** Narrativas, Formação de Professores de Matemática, História Oral.

### **INTRODUÇÃO**

O presente ensaio abordará algumas considerações referentes à pesquisa que estou desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência, da

<sup>556</sup> Docente do Instituto Federal da Bahia - Campus Barreiras e aluno do Programa de Pós-Graduação para Ciência da FC/Unesp-Bauru(SP). E-mail: bordignon@ifba.edu.br

Faculdade de Ciências – Unesp/Bauru(SP). A dissertação que estou elaborando é sobre a Formação dos professores de matemática na região de Barreiras/BA, considerando o período antes da institucionalização das Licenciaturas em Matemática na região.

O primeiro curso de Licenciatura em Matemática na cidade foi instalado no ano de 2006 e posteriormente foram instalados mais dois cursos presenciais – no Instituto Federal da Bahia (IFBA) em 2008 e outro no câmpus da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2009. Além disso, foram oferecidos na cidade de Barreiras um curso pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), com uma turma iniciando em 2010 e terminando em 2013 e outro pela UNEB/UAB. Como estes cursos foram criados em menos de 10 anos, constatei que houve uma oferta tardia em relação a outras regiões do Brasil. Tal parâmetro foi constatado com a leitura de teses e dissertações que compõe um dos projetos desenvolvidos atualmente pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), que é o Mapeamento da Formação e Atuação dos Professores de Matemática no Brasil e é neste projeto que minha pesquisa está vinculada.

A cidade de Barreiras está localizada às margens do rio Grande, mais precisamente no encontro deste com o rio de Ondas. O rio Grande é um dos principais afluentes da margem esquerda do rio São Francisco, que atravessa o Oeste da Bahia no sentido Sudoeste-Nordeste e navegando por este rio poderia alcançar o Velho Chico – primeiro a cidade de Barra e posteriormente as cidade de Juazeiro e Petrolina e a partir dessas as capitais, como por exemplo, Salvador ou Recife, respectivamente.

A região de Barreiras apresenta destacada produção agrícola com destaque para a soja, o milho e algodão. Os solos da região são classificados como áreas de aptidão restrita ou regular para as lavouras, pois o clima, segundo a classificação climática de Thornthwaite, é classificado como de subúmido a seco e o bioma predominante é o cerrado. Essa produtividade agrícola é resultado de vários fatores, aos quais destaca-se: O potencial irrigável devido a vários rios da região, que desaguam ao longo do Rio Grande e de seus afluentes; os incentivos governamentais a partir das ações do programa PRODECER que formou cooperativas formadas principalmente por migrantes vindos do sul do Brasil, gaúchos e paranaenses principalmente (BRANDÃO, 2010).

Ocorre que Barreiras configura-se como uma localidade que representa toda essa imensa região, com área superior, por exemplo, aos estados de Sergipe e Alagoas. Neste sentido recorreremos à noção de região desenvolvida por Baraldi (2003), que define a região não apenas como um recorte geográfico ou econômico instituído e nem a um agrupamento

da paisagem, mas a região é um conceito elaborado por nossos olhos e mente o que promove a atribuição de significados a partir das lembranças.

Pensarmos que o território é um conceito que envolve nossas lembranças e significados é importante para entendermos a região de Barreiras, afinal Oeste da Bahia é algo que não se encontra oficialmente definido. Em geral, podemos entender Oeste como toda região à margem esquerda do rio São Francisco. Uma periodização histórica estabelece que até meados do século XIX, a região era conhecida como além do São Francisco (BRANDÃO, 2010). Para o IBGE, o Estado da Bahia está dividido em sete mesorregiões. O Anuário Estatístico da Bahia (BAHIA, 2012), considera outros dois territórios além da bacia do rio Grande; o território da Bacia do rio Corrente e algumas da margem esquerda nos territórios do Velho Chico e do Sertão do São Francisco. Diante disso, optamos por estudar a formação em Barreiras e este estudo como uma possível cartografia sobre a formação de professores no Oeste da Bahia.

Tendo definido o problema de pesquisa, mobilizando a metodologia da História Oral, foram entrevistados sete professores que atuaram/atua no ensino de Matemática. A partir dessas entrevistas será elaborada uma análise narrativa de narrativas, que segundo Cury, Souza e Silva (2014) é uma nova narrativa que torna os dados significativos, destacando o que é singular e não procurando generalizar os fatos e o papel do pesquisador neste processo é de “constituir significados às experiências dos narradores” (*Ibidem*, p.917).

## **FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS**

A História Oral é uma possibilidade metodológica que desenvolvemos registros a partir da oralidade e que esses se tornam documentos, podendo nos auxiliar a compreender uma história sobre determinada temática, o que definimos como exercício historiográfico (Garnica, 2004).

Verena Alberti (2004) aborda as possibilidades de pesquisa envolvendo a História Oral, o fascínio que ela exerce quando constituímos uma fonte à partir da experiência de um sujeito que vai contando suas vivências naquele contexto onde realizamos as “entrevistas”, tornando aquele passado mais concreto, permitindo novas possibilidades de contar essa história para produzir significado com uma interpretação plausível. Assim decidimos

que deveria ouvir os professores que ensinaram Matemática na cidade antigamente, a princípio em um período não definido, que foi aprimorado no processo dessa pesquisa seguindo as práticas desenvolvidas pelo GHOM - Grupo História Oral e Educação Matemática, ao longo de quase 15 anos.

Uma das práticas do grupo, importante de destacarmos, é o tratamento dado à metodologia, que não é entendida como um conjunto de procedimentos técnicos/operacionais, que são replicados diretamente à outras pesquisas desenvolvidas pelo grupo. A metodologia da pesquisa procura manter a sincronia entre os fundamentos teóricos, os quais norteiam a investigação e os aspectos mais operacionais de como a pesquisa ocorre. Isso significa que não são etapas disjuntas, ocorrendo ao longo de todo o processo da pesquisa, o que têm contribuído com a ampliação das perspectivas metodológicas das pesquisas em Educação Matemática.

A História Oral pode ser entendida como técnica, método ou disciplina (CURY, 2011). Nessa nossa pesquisa entendemos a mesma como o recurso metodológico mobilizado para constituir fontes de estudos a partir da oralidade (GARNICA, 2004). Ao mobilizar a História Oral nesta pesquisa percebemos as “possibilidades alternativas de uma história da Educação Matemática Brasileira” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.50), pois o problema de pesquisa trata de escrever compreensões sobre a formação de professores de matemática em uma região do interior do Brasil, tendo em vista que a institucionalização dos cursos de Licenciatura em Matemática ocorreu na primeira década deste século.

A partir da oralidade podemos mobilizar outras fontes, que contribuem para elaboração de uma narrativa sobre a questão proposta. Nessa pesquisa, consideramos a oralidade como disparadora, pois os depoentes disponibilizaram objetos de seus arquivos pessoais, livros sobre a história da cidade, fotografias, o que tem ajudado neste processo de escrever uma história a partir das experiências dos professores entrevistados.

Albuquerque Jr (2007) afirma que os homens inventariam a história, pois para o autor “a expressão invenção pode indicar mudanças paradigmáticas no campo da produção do conhecimento e das concepções filosóficas que as embasam” (Ibidem, p.19). Dentro desta problemática, consideramos a “História como a ciência dos homens, no tempo e vivendo em sociedade” (GARNICA, SOUZA, 2012) a partir da concepção de História de Marc Bloch. É pertinente ao problema de pesquisa, por entender os processos de formação dos professores, em uma região onde por muito tempo não houve cursos de Licenciatura em Matemática permitirá, por exemplo, termos um olhar com um embasamento teórico,

partindo de uma versão histórica dessa formação, de algumas dificuldades quanto ao ensino e à aprendizagem que percebi no ensino de Matemática da região.

Com isso inserimos nossa pesquisa em um amplo projeto sobre a formação e atuação dos professores de matemática, que atuaram nas diversas regiões do Brasil em diferentes épocas e modalidades de ensino, desenvolvido pelo GHOEM, que é o projeto do Mapeamento da Formação dos professores de Matemática no Brasil, cujo propósito é pesquisar a formação e a atuação de professores de Matemática no Brasil, em diferentes regiões do país, em diferentes épocas, modalidades e níveis de ensino e além da utilização dos testemunhos orais, pode-se recorrer a outras fontes historiográficas (GOMES, 2014). Uma das características dos trabalhos desenvolvidos no projeto do mapeamento é que estes não são exclusivamente de natureza historiográfica/regionalista. Isso significa que as possibilidades para contar as histórias sobre a formação e atuação dos professores de matemática na região de Barreiras não se encerrarão nesta pesquisa, que é a primeira sobre o Estado da Bahia desenvolvida neste projeto.

A entrevista é a técnica que utilizamos para constituir uma fonte a partir da narrativa oral dos professores. Souza (2014) define os aspectos técnicos, com os procedimentos na realização das entrevistas e os aspectos metodológicos articulados aos procedimentos que dão a fundamentação teórica ao uso da oralidade nas pesquisas do grupo. Nossas depoentes foram as professoras: Elena Maria Brentano, Ana Maria Porto Nascimento, Alzerita Gomes Dias da Silva, Ida Rabelo Coité Leite, Maria Perpétua Carvalho da Silva, Édula Fernandes Lima e Avany Andrade Porto.

Sobre nossas depoentes destacamos algumas características, as quais fomos conhecendo a medida que realizamos as entrevistas: todas são professoras, todas cursaram o Magistério de 2º grau como formação inicial, a formação em Licenciatura em Matemática de três ocorreu fora de Barreiras, elas cursaram a licenciatura em Brasília-DF, Salvador-BA e São Paulo-SP, três fizeram curso superior nas áreas de Licenciatura curta em Artes Industriais, Técnicas Agrícolas e Pedagogia e uma cursou primeiro Pedagogia e posteriormente matemática, como aluna da primeira turma da UNEB. Sobre a origem das nossas depoentes três são nascidas em Barreiras, uma chegou criança, mas passou boa parte da infância em Barreiras, duas chegaram jovens, por causa de mudanças familiares e uma chegou devido à mudança do local de trabalho do esposo. Três delas estão aposentadas e totalmente desvinculadas de atividades profissionais vinculadas à Educação e uma professora está aposentada do vínculo Estadual, mas continua atuando na Rede

Municipal de Barreiras – nos anos finais do Ensino Fundamental. Quatro professoras estão em serviço - duas atuando exclusivamente no Ensino Superior, uma atuando no Ensino Médio. Seis das depoentes em algum momento da vida tiveram que migrar, seja para Barreiras ou dali saindo.

Alguns procedimentos para realização das entrevistas fazem parte dos protocolos negociados pelo GH OEM, os quais adquirem continuamente estabilidade ao serem adotados para a produção de dados e estes são explicados por Garnica, Fernandes e Silva (2011). Dentre esses critérios destacamos o que “se chama de critério de rede para a formação do núcleo de colaboradores do trabalho” (Ibidem, 2011, p.235). Neste sentido, destacamos o auxílio da professora Ana Maria Porto Nascimento (UFOB) ao nos informar nomes de algumas professoras que atuaram no ensino de matemática em Barreiras, em uma fase bem inicial da pesquisa. Posteriormente, de modo informal, quando nos encontramos no XVIII EBRAPEM ela nos forneceu novas informações sobre professores que atuaram com a disciplina Matemática naquela região. Além disso, nos concedeu uma entrevista e passou contatos telefônicos de quatro professores. A decisão de entrevistá-la – foi à segunda entrevista que realizamos – deveu-se a recorrência com a qual seu nome foi citado na primeira entrevista – o que ocorreu em entrevista posterior também. Ao final deste processo, entrevistamos sete professoras que atuaram no ensino de Matemática na região de Barreiras/BA, a partir de 1959 até os dias de hoje.

Para realização das entrevistas elaboramos quatro fichas temáticas: Formação, Início e permanência na docência, Desenvolvimento Regional e Ensino de Matemática. O uso de fichas foi inspirado nos trabalhos de Morais (2012), Macena (2013), Vianna (2000) e Rolkouski (2006), sendo os dois últimos autores os primeiros a trabalharem com as fichas. Vianna (2000) utilizou as fichas para que seus depoentes tivessem maior liberdade para ordenar as questões. Já Rolkouski (2006), que em sua pesquisa realizou duas entrevistas, as fichas foram agrupadas em dois conjuntos de 16: o primeiro conjunto versou sobre os aspectos da vida do indivíduo e o segundo sobre a formação e atuação dos professores de Matemática - com o objetivo de compreender como o indivíduo torna-se o professor de Matemática que é. Morais (2012) utilizou 27 fichas e, diferentemente dos trabalhos anteriores, as apresentou em ordem sequenciada para facilitar a organização do raciocínio do depoente durante a entrevista. Macena (2013) utilizou as fichas-roteiro, em número de 14, as quais foram uma adaptação do roteiro de entrevistas.

Nossas fichas tinham um tema na frente e algumas questões auxiliares no verso, como pistas, para orientar os depoentes sobre quais aspectos desejávamos saber. Essas pistas são similares a um roteiro feito com a intenção de orientar o entrevistador, para saber se as questões que desejava conhecer estavam sendo respondidas. Assim, utilizamos as fichas-roteiro, pois misturamos essas duas ideias.

Sobre o uso das fichas, percebemos que elas permitem ao depoente falar mais sobre os temas propostos, escolhendo a ordem na qual deseja falar. Essa abrangência propiciada pela ficha facilita ao entrevistador formular questões mais específicas, à medida em que as lembranças sobre o tema vêm à memória do entrevistado. No entanto, ainda que antes de cada entrevista tenhamos explicado sobre os temas das fichas, notamos que as professoras seguiram a ordem na qual as fichas foram dispostas – no momento na entrevista não pensamos em espalhar as fichas, as colocamos empilhadas em ordem qualquer. Apenas, uma depoente, a professora Avany Porto, pediu que as perguntas que estavam nas fichas fossem feitas pelo entrevistador.

As entrevistas duraram em média uma hora. Três foram realizadas em duas sessões, sendo que a entrevista com a professora Ana Maria necessitou de uma segunda entrevista, pois ao textualizá-la percebemos algumas lacunas em determinadas questões – que poderiam ter sido melhor exploradas – e devido ao fato de ter que retornar à Barreiras para uma segunda rodada de entrevistas (uma vez que fixei residência no Estado de São Paulo durante o mestrado), optamos pela realização de uma entrevista complementar, com perguntas baseadas nessas lacunas. Sobre a entrevista com a professora Elena, poderíamos ter pedido que ela complementasse algumas lacunas, mas, por estar em Barreiras, marcamos uma segunda entrevista rápida, que durou cerca de 30 minutos. E a última entrevista em duas partes foi com a professora Alzerita, porque ela gostaria de falar sobre a época do Colégio Padre Vieira, no acervo do colégio, que fica localizado onde atualmente funciona a reitoria da UFOB. Neste acervo encontramos fotos, documentos, objetos antigos dessa escola. Quatro dessas entrevistas ocorreram no IFBA, duas na residência dos depoentes e uma na casa da mãe da depoente. Durante as entrevistas segui as recomendações de Thompson (2000) e Martins-Salandim (2012), de evitar interrupções na fala do depoente, deixando as colocações para quando eles encerrassem o assunto, no entanto, aprendendo a ser entrevistador, em muitas vezes algumas dificuldades na condução das entrevistas se apresentaram: interrupções, mudança brusca na direção do que o entrevistado dizia. E este é um aspecto interessante da pesquisa, do ponto de vista

metodológico: as entrevistas foram conduzidas pelo entrevistador sem apoio técnico, o que se responsabilizou pela gravação – observando o posicionamento do gravador, se este estava funcionando corretamente durante toda a gravação, anotações sobre os temas tratados pelo entrevistado para possíveis aprofundamentos ainda na entrevista, contato visual com o entrevistado – o que o estimula e o auxilia na composição de sua narrativa.

Para a realização das entrevistas foi utilizado um gravador digital e notamos em uma das entrevistas que a depoente, em certos momentos, tirava o gravador do seu campo de visão, mas isso não comprometeu a qualidade do áudio da entrevista, o que revela que o gravador pode causar incômodo ao entrevistado, ainda que este não se oponha à gravação.

Inicialmente fizemos duas entrevistas e já fizemos os processos de transcrição e de textualização. As demais entrevistas foram realizadas em um período de uma semana – aproveitando a viagem de Bauru a Barreiras com esta finalidade – e as transcrição e textualizações foram realizadas posteriormente.

A transcrição, ou degravação, é segundo Vianna (2014, p.75) “a transformação do registro sonoro em um texto fiel”. Com o auxílio do aplicativo do *Google oTranscribe* realizamos esta tarefa com certa facilidade, pois o aplicativo permite uma sincronia entre a página do texto e o arquivo em áudio, além de comandos que facilitam pausar, avançar/retroceder a gravação, ajustar a velocidade de locução da gravação.

Ainda, de acordo com Vianna (2014), procuramos não nos preocupar com a pontuação neste momento, mas deixamos registrados, marcas como lacunas que ocorreram durante a gravação da entrevista.

Já a textualização consiste em um texto criado a partir da transcrição. Para Souza (2014, p.75) trata-se de “um exercício de construção de uma narrativa escrita que pode ser ordenada cronológica ou tematicamente e que se constitui de um exercício de leitura plausível, uma interpretação que busca compreender o dito e evidenciá-lo em uma estrutura narrativa”. Neste sentido, a textualização passa a ser vista como a fonte constituída a partir da entrevista. Nas textualizações procuramos contar como conhecemos e fizemos contatos com os colaboradores, como ocorreram os primeiros contatos, seja por telefone ou redes sociais - uma boa narrativa inicia-se com o narrador contando em que condições teve acesso àquilo que vai ser narrado. Pois, conforme nos diz Walter Benjamin, que na década de 1930 definiu a narrativa como “uma forma artesanal de comunicação e que os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir” (BENJAMIM, 1994, p.205).



Entendemos a textualização com um texto nosso, produzido pelo entrevistador e pelo entrevistado, pois é necessária uma negociação e aprovação, pelo depoente, do texto que lhe é apresentado. Nas textualizações foram inseridas notas de rodapé para complementar as informações históricas que apareciam nos depoimentos, mobilizando referências históricas da região, de autores regionais como Almeida (1998), Pamplona (2002), Rocha. G (2004), Carvalho (2009), Brandão (2011), dados obtidos nos sites institucionais e um dicionário com expressões faladas na região de Barreiras de autoria de Rocha. L (1996).

Algumas informações adicionais sobre as textualizações. As professoras Avany e Maria Perpétua sugeriram alterações no texto. Algumas informações solicitei complementos por parte dos depoentes, que ainda não foram realizadas na versão aqui apresentada, uma vez que o material, enviado via os Correios, não chegou a tempo em nossas mãos. Outro ponto é que em nossas textualizações utilizamos o itálico e o negrito para dar ênfase a algumas falas dos depoentes, conforme orienta Vianna (2014).

Durante as entrevistas notamos que as depoentes enfatizavam muito expressões que demarcam os lugares que citavam, como “aqui no Colégio Padre Vieira” e falavam com recorrência aqui, ali, daqui, de lá, pra cá, este último como no título de um dos livros que nos ajudaram com algumas referências sobre Barreiras: Barreiras, Bê-A, ... da Barra pra cá!, de Luiz G. Pamplona (2002). Inicialmente pensamos em utilizar nas textualizações a grafia p’ra no lugar de pra, que à rigor não existem na língua portuguesa (BIZZOCCHI, 2015), pois durante as entrevistas, os depoentes utilizaram muito a expressão pra. A estilização na grafia foi inspirada no conto Sarapalha, da obra Sagarana (1946), de Guimarães Rosa (1908-1967), onde o autor utiliza a grafia p’ra. Como vimos similaridades entre a paisagem de Barreiras, com as paisagens sertanejas tão ricamente descritas na literatura do autor pensamos em utilizar esta grafia. Porém, ao revisar as textualizações percebemos um abuso no uso da expressão e repetição do termo, mas decidimos manter a referida grafia do p’ra quando os depoentes falaram p’ra cá, o que é muito corriqueiro em falas que demarcam um território. Tendo em vista essa característica de que a região foi desenvolvida por idas e vindas de pessoas, o vir p’ra cá se referindo a vir para Barreiras faz sentido neste momento de conservarmos algumas características da oralidade em nossas textualizações.

Para que essas nossas escolhas fossem efetivadas, lançamos mão dos protocolos estáveis do GHOEM, dentre eles a conferência dessa textualização por parte do depoente e posterior carta de cessão dos direitos sobre a gravação/ textualização.

Essas textualizações são narrativas baseadas nas entrevistas, nas quais os depoentes contaram várias experiências singulares a respeito de sua formação e as circunstâncias que os levaram a atuar como professores de Matemática. A narrativa é a forma como contamos a outras pessoas nossas experiências e, neste sentido, o uso de narrativas está presente no estudo da História.

Nesse sentido,

As narrativas orais são, assim, vistas pela história oral como fontes a partir das quais torna-se possível uma maior aproximação aos significados atribuídos às realidades vividas por quem narra, já que busca (em grande parte dos casos) preservar, em uma apresentação quase literal das narrativas coletadas por meio de entrevistas, as legitimidades próprias do narrador. (SOUZA; SILVA, 2007, p.142)

É importante destacar que quem atribui significado às narrativas são os leitores. Para isso é necessário que a narrativa seja de uma “história plausível, uma interpretação que busca compreender o dito e evidenciá-lo em uma estrutura narrativa (...) e assim a narrativa se coloca como potencial meio de produção de conhecimentos” (SOUZA, 2014, p.75) para todos os envolvidos nesse processo leitores/ narrador/ entrevistados.

Após realizar e ouvir as entrevistas, transcrevê-las e textualizá-las, ler estas narrativas escritas com base nas entrevistas, ocorre a fase de sistematização do processo de análise. Os pesquisadores consideram essas narrativas de professores como fontes e tem seguido diferentes possibilidades analíticas: alguns buscam identificar tendências e tecem compreensões a partir delas como exemplo apresentado por e Martins-Salandim (2012), outros estruturam uma nova narrativa que tem sido chamada “análise narrativa de narrativas”, destacada por Bolívar (2002) e que um exercício analítico desta natureza é encontrado em Cury (2011) - e é nossa opção nessa pesquisa.

A análise narrativa que estamos propondo é norteadada por Cury (2011), que analisou os dados de sua pesquisa de doutorado nessa perspectiva. Tendo em vista a construção de uma narrativa, os seguintes elementos serão considerados: a temporalidade das instituições de ensino de Barreiras, tendo início com o primeiro Grupo Escolar que foi onde estudaram três dos sete depoentes; o Ginásio e a Escola Normal, instituição onde três estudaram e cinco atuaram como professores; as Instituições de Ensino Superior, que

chegam à cidade na década de 1980 e os cursos oferecidos na cidade e que os professores fizeram; os cursos adicionais e outros cursos para que os professores, na ausência da habilitação legal, cursavam e assim foram se aperfeiçoando para o Ensino de Matemática.

## **ALGUNS RESULTADOS.**

A narrativa que estou elaborando iniciará contando a História de Barreiras a partir dos depoentes e de outros elementos historiográficos, como livros sobre a História da cidade, os quais enfatizam o papel das migrações na formação da cidade. Ao longo dos seus quase 125 anos, os dois movimentos: chegada e saída, com predominância aos movimentos de chegada que ocorreram em três períodos distintos. O primeiro, no final do século XIX com a exploração da borracha de mangabeira e a navegação pelo leito do rio Grande. Em Barreiras estabeleceu-se um importante centro comercial, pois para essa localidade “afluía o tráfego das tropas goianas, trazendo couros, borrachas, penas de emas e gado, levando em troca tecidos, sal, café e ferramentas para o trabalho rudimentar” (ROCHA, 2004).

O segundo período vai do final dos anos 1950 até o começo dos anos 1970, com a construção da estrada BR-020 (Brasília – Fortaleza) e posterior pavimentação, obra executada pelo 4º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro. A vinda do batalhão, deslocado da cidade de Crateús-CE para Barreiras-BA trouxe muitas famílias de migrantes cearenses para cidade. Entretanto a construção de Brasília foi responsável pelo movimento contrário, que foi a saída de Barreiras. Neste período é importante destacar que vários professores saíram de Barreiras e partiram rumo à nova Capital, inclusive, uma de nossas depoentes, a professora Ida Coité, que devido à ausência de pagamentos nas Escolas Estaduais da Bahia, fez um concurso para Brasília e foi seguindo o rumo de vários professores.

O terceiro período tem início a partir de 1985, com a chegada de migrantes que vieram da região sul do Brasil, incentivados para trabalhar na lavoura e com isso, vários outros profissionais foram atraídos para Barreiras. É neste último período que temos o estabelecimento de instituições de Ensino Superior na cidade.

Outro ponto que abordo nessa narrativa é uma história das instituições de ensino de Barreiras, começando no ano de 1928 com a criação do Grupo Escolar Costa Borges, a

primeira escola pública de Barreiras. Depois temos o surgimento do Aprendizado Agrícola, do Ginásio Padre Vieira em 1949, a Escola Normal de Barreiras e a Escola de Comércio nos anos de 1950, com a criação da Fundação Educacional Custódia Rocha de Carvalho. Nessas instituições, três depoentes foram alunas e posteriormente professoras. Depois surgiram as seguintes instituições, que foram locais de trabalho dos nossos depoentes, o Colégio Estadual Antônio Geraldo, o Colégio Estadual Polivalente, a Escola Monteiro Lobato, a Unidade de Ensino Descentralizada do CEFET-BA.

O Ensino Superior teve início com a implantação do Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA) que depois foi transformada em um câmpus da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que em 1987 passa a oferecer o curso de Pedagogia com habilitação nas disciplinas pedagógicas do 2º grau. Somente em 2006 que a UNEB passa a oferecer o curso de Licenciatura em Matemática, no mesmo ano em que é instalado na cidade o Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS), o câmpus da UFBA em Barreiras, com o curso de Licenciatura e Bacharelado em Matemática tendo início em 2009. A UnED Barreiras do CEFET-BA, passa a oferecer o Ensino Superior em 2008, iniciando com o curso de Licenciatura em Matemática. As instituições particulares começaram por volta do ano 2000, mas nenhuma delas ofereceu o curso de Licenciatura em Matemática.

Um aspecto interessante é que não havendo curso de matemática por um período considerável, constatamos que os profissionais formados em Matemática que atuaram nessas instituições fizeram a formação Superior fora e chegaram formados na cidade e que ao chegar, se depararam com um cenário de falta de professores para ensinar a disciplina, em uma cidade onde a população em 40 anos, saltou de 10 mil para 150 mil habitantes. Aos professores da cidade as opções de formação superior foram os cursos do CETEBA: Técnicas Agrícolas e Licenciatura em Artes Industriais e posteriormente, Pedagogia e Ciências Contábeis.

Com isso destacamos o papel de cursos realizados pelos professores para estarem aptos a ensinar Matemática. Uma das modalidades de cursos foram os chamados cursos adicionais para professores primários e que estavam previstos na Lei nº 5692/1971, que foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil por mais de 25 anos. Sobre esse curso, a professora Maria Perpétua Carvalho da Silva nos conta que “ O curso tinha carga horária de 990 horas, com aulas diárias, no turno noturno, com duração de um ano, aproximadamente. Os cursos davam aos Professores Primários a possibilidade de ministrar

aulas das disciplinas da área escolhida até à 6ª série do Ensino de Primeiro Grau. O Estado da Bahia oferecia esses cursos nos Colégios Estaduais. Eu cursei em 1980 no Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA), colégio localizado no bairro do Barbalho em Salvador, na área de Ciências, que me dava habilitação para dar aula de Matemática e de Ciências até a 6ª série. Cursei as disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Programa de Saúde, Fundamentos da Educação I – Aspectos Psicológicos, Estrutura e Fundamento do Ensino de 1º Grau, Metodologia das Ciências, Prática de Ensino, Medidas e Avaliação, Estágio Supervisionado e Educação Física”. Além dos cursos adicionais ocorreram cursos vinculados ao projeto RONDON e diversos cursos promovidos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, visando garantir as adequações legais para o exercício do magistério, mas segundo nossos depoentes, esses cursos eram vistos como treinamento.

## REFERÊNCIAS.

ALBERTI, V. (2004) *Ouvir Contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp.12- 28

ALBUQUERQUE JR, D.M.(2007) *História – A arte de inventar o passado*. Bauru, EDUSC, pp.15-28

BAHIA.(2012) *Anuário Estatístico da Bahia,v.26*, Secretaria do Planejamento. Salvador.SEI, pp.17-692

BARALDI, I. M. (2003) *Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro pp.

BIZZOCCHI,A.(2015) *Qual é o correto: “pra ou prá”?* Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/qual-e-o-correto-pra-ou-pra-304098-1.asp>. Acesso em 19.ago.2015

BRANDÃO, P.R.B.(2010) A formação territorial do Oeste Baiano: a constituição do “Além São Francisco”.*GeoTextos*, Salvador, IGEO/UFBA, v.6, n.1, pp.35-50

BENJAMIN, W.(1994) *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, pp.197-221.

BRUNER, J.(2014) *Fabricando histórias: Direito, literatura, vida/* Tradução, Fernando Cássio. São Paulo: letra e Voz pp. 13-46

CURY, F.G (2011) *Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado de Tocantins*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro

\_\_\_\_\_; SOUZA, L.A; SILVA, H.(2014) Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática *Bolema*, Rio Claro (SP),v.28, n.49,pp.910-925

GARNICA,A.V.M.(2014) Cartografias Contemporâneas: Mapear a Formação de Professores de Matemática, In: GARNICA,A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, pp.39-66

\_\_\_\_\_ (2004) História Oral e Educação Matemática, In: BORBA, M.C; ARAÚJO,J.L (Orgs.).*Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: autêntica, pp.87-109

\_\_\_\_\_.(2009) Notas sobre Narrativa e Educação Matemática, In: LOPES, C.E; NACARATO, A.M (Orgs.). *Educação Matemática , Leitura e Escrita - Armadilhas, Utopias e Realidade*. – Campinas, SP: Mercado das Letras, pp. 79-99

\_\_\_\_\_ ; FERNANDES, D.N; SILVA (2011), H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *Bolema*, Rio Claro (SP), v.25, n.41. pp.213-250

\_\_\_\_\_; SOUZA, L.A. (2012) *Elementos de História da Educação Matemática*. São Paulo: Cultura Acadêmica, pp. 17-47

GOMES, M.L.M.(2014) Formação e Atuação de Professores de Matemática, Testemunhos e Mapas, In: GARNICA,A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. pp.11-37

MARTINS-SALANDIM, M.E.(2007) *Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: História, práticas e marginalidade*, Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

\_\_\_\_\_ (2012) *A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960* Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

\_\_\_\_\_; SOUZA, L.A; FERNANDES, D.N (2010) História Oral em Educação Matemática: contribuições para um referencial metodológico. In: *Ciências Huma. e Soc. em Revista*. Seropédica, RJ, EDUR, v.32,n.2.

PAMPLONA, L.G. (2002) *Barreiras, Bê-A, ... da Barra pra cá!* Barreiras, n.d, pp. 1- 303.

ROCHA, G.(2004) *O Rio São Francisco – Fator Precípua da Existência do Brasil – 4 ed –* São Paulo: Companhia Editora Nacional pp. 15-290

ROCHA, L.M.(1996) *Dicionário de Barreirês*. Barreiras: NOVOESTE Editoração e Publicações Ltda.

SILVA,H ; SOUZA, L.A.(2007) A História Oral na pesquisa em Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro (SP), v.20, n.28

SOUZA, L.A. (2014) Narrativas no Trabalho com História Oral. In: Anais do 2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática: fontes, temas, metodologias e teorias : a diversidade na escrita da história da educação matemática no Brasil. Bauru: Faculdade de Ciências. pp.71-78 Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/enaphem/anais>

THOMPSON.P (2000) *The Voice of the Past*. Oxford University Press, Third Edition pp.25-245.

VIANNA, C.R Sem Título In: GARNICA,A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas-Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. pp.67-85